

## “EXPERIÊNCIA E EXPECTATIVA”, CATEGORIAS PARA A LEITURA DO TEMPO HISTÓRICO

EVERTON DA SILVA OTAZU<sup>1</sup>; MARCOS CÉSAR BORGES DA SILVEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [everton.otazu@gmail.com](mailto:everton.otazu@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [borgescerrado@yahoo.com.br](mailto:borgescerrado@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

No primeiro trimestre de 1945, o jornal *Diário Popular*<sup>1</sup> publicou uma série de notícias que versavam sobre uma provável abertura política no país, seguido da realização de eleições diretas ainda naquele ano. As reportagens tinham como foco central a realização de entrevistas, com personagens de destaque daquela sociedade, designados pelo jornal como “membros da alta intelectualidade pelotense”.

Ao se posicionarem sobre o assunto, esses sujeitos lidavam essencialmente com dois estratos de tempo, passado e futuro. Buscavam, no passado, “experiências” que julgavam importantes na construção de um futuro incerto. Dessa forma, podemos dizer que estavam presentes nesse movimento, entre passado e futuro, duas categorias essenciais na compreensão do tempo histórico, o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2012).

Para KOSELLECK (2012, p. 306) “todas as histórias foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem”. O autor ainda coloca que:

[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos do tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político (KOSELLECK, 2012, p. 308).

No entanto, os resultados nem sempre correspondem as *expectativas*, mas isso, não torna menos válida sua leitura e interpretação, que pode nos levar a compreensão da percepção sobre o *tempo histórico* de um determinado contexto.

Como base nisso, desenvolvemos o presente trabalho, que buscará discutir a relação entre *experiência* e *expectativa*, através das declarações concedidas por Joaquim Luis Osório e Delfim Mendes Silveira, ao jornal *Diário Popular*<sup>2</sup>. Isto também nos possibilitará refletir – de maneira mais abrangente – sobre a conjuntura da reabertura política e sua relação com o *tempo histórico*, principalmente, no conflito das *experiências* recentes.

Entretanto, estamos falando de uma pesquisa que está em curso, na qual apresentaremos, a seguir, considerações momentâneas, daquilo que foi desenvolvido até o presente momento.

### 2. METODOLOGIA

Neste trabalho, vamos articular diferentes aportes documentais e bibliográficos para que, possamos alcançar os resultados esperados. Primeiro, iremos trabalhar com fontes jornalísticas, em nosso caso o jornal *Diário Popular*,

<sup>1</sup> Periódico da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Trazemos apenas esses entrevistados, pois o formato do evento impossibilita a realização de análises mais longas. Assim, visamos manter a qualidade da proposta dentro dos seus limites.

de onde, retiraremos as declarações concedidas pelos entrevistados. Segundo, a análise desse material deverá contar com o suporte da historiografia que trata do período, já previamente consultada. Terceiro e último, caso seja necessário, buscaremos outros documentos – e acreditamos que será – que nos forneça mais informações sobre os sujeitos em destaque, pois a recapitulação de suas trajetórias deve colaborar na reconstrução do *espaço de experiência* e, conseqüentemente, o entendimento/interpretação do *horizonte de expectativa* desses indivíduos.

Para darmos seguimento, gostaríamos de destacar alguns aspectos relacionados ao manuseio/trato das fontes periódicas e outras considerações sobre o ofício do historiador.

Escolhemos o trabalho com jornais, devido sua capacidade de registrar os anseios políticos e culturais de uma época, como nos aponta LUCA (2008, p.129):

O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político.

Compartilhamos da idéia da autora, que aponta o jornal como uma fonte relevante para abordagem do político. Além disso, é possível dizer, que ele se constitui em um importante registro para momentos de transição, semelhantes ao da nossa proposta, e traz subsídios que permite a constituição das categorias apresentadas na introdução.

É importante ressaltarmos que o jornal é uma *representação* da realidade, no sentido atribuído por CHARTIER (2002), ou seja, ele é uma releitura dos acontecimentos ocorridos e segue a forma dada pelos seus interlocutores. Daí a necessidade do aporte teórico e historiográfico, como já mencionado.

Dito isso, cabe a nós incorporarmos a aptidão de um investigador, que atenta minuciosamente a cada vestígio, usando da metáfora apresentada por GINZBURG (1990), ao propor o paradigma indiciário. Cabe também ressaltarmos, que as categorias *experiência* e *expectativa*, são fundamentais na interpretação do material apresentado. A partir disso, é possível tecer algumas considerações sobre o período de transformações políticas, sociais e culturais que pretendemos investigar.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Qualquer ferramenta teórica só pode ser aplicada, mediante a análise empírica. Em nosso caso, não foi diferente. Percebemos, com base nas fontes jornalísticas, que o uso das categorias apresentadas, *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, poderia ser instrumentos importantes na leitura do contexto em debate e na compreensão do *tempo histórico*. Essas questões ficam mais evidentes ao examinarmos, de forma meticulosa, as declarações dos entrevistados.

Joaquim Luis Osório, ao se referir, em sua entrevista, à constituição de 1937<sup>3</sup>, a chama de “carta mutilada”, pois para ele era inadmissível que uma constituição tivesse “oito atos adicionais”. A saída, para o entrevistado, seria uma

---

<sup>3</sup> Notícia consultada: “Deverão ser convocados às urnas todos os cidadãos brasileiros no gozo e exercício dos seus direitos civis e políticos” (*Diário Popular*, 09/02/1945, p. 6).

eleição direta seguida de uma constituinte, que pode e deve agir rapidamente, a exemplo daquela instituída em 1889, que durou apenas três meses, atingindo o maior número de eleitores possíveis.

Observamos que seus posicionamentos denotam uma oposição ao governo do Getúlio Vargas. Não obstante, ao recapitular algumas informações sobre o seu passado, encontramos registros de sua participação no Partido Republicano Riograndense (PRR), onde foi deputado estadual (1905-1912) e federal (1912-1926)<sup>4</sup>. Conseqüentemente, de família tradicional gaúcha, sua ligação às oligarquias do estado era inevitável, o que demonstra uma *experiência* enraizada nesse meio, perceptível através da sua referência ao ano de 1889. Temos que ter em vista, que Osório, nesse contexto, pertence a um grupo, oriundo do PRR, que faz oposição a Vargas.

Seguindo a mesma estrutura do entrevistado anterior, Delfim Mendes Silveira também apresenta – nos seus posicionamentos – referências que nos remetem ao seu *espaço de experiências*. Nas entrevistas<sup>5</sup>, Silveira defende o retorno inevitável do país ao regime democrático, visto que, brasileiros foram enviados para Europa, onde lutam pela democracia. Diferente de Osório, ele enxerga pontos positivos no governo Vargas, como o código eleitoral existente, que poderia ser utilizado “com ligeiras adaptações”. É possível perceber no entrevistado, um espírito ‘reformista’, inclusive, em alguns momentos ele faz menção ao líder trabalhista Alberto Pasqualini. Isso demonstra que o entrevistado acompanhava a trajetória desse personagem, tendo essa referência presente nas suas *experiências*.

Avançando um pouco mais na análise, é possível pensar, algumas questões pertinentes, afinal, porque Osório relembra 1889? Ou, porque Delfim menciona Pasqualini em suas declarações de maneira recorrente? Essas são questões ligadas a visão de mundo desses sujeitos, na forma como eles buscam dar significado aquilo que está acontecendo, mesmo que as categorias encontradas por eles sejam estranhas ao seu tempo presente.

Deste modo, imaginar o *tempo histórico* dos nossos entrevistados é imaginar uma categoria em construção, um tanto nebulosa, principalmente, no que se refere à perspectiva de futuro. Mesmo assim, o contexto forçava esses sujeitos a tomar uma posição, fato que, eventualmente refletirá na sua ação política.

Contudo, ainda nos falta maiores informações sobre os interlocutores apresentados, deixando em aberto algumas lacunas que buscaremos preencher com o desenrolar da pesquisa, a fim de procurar responder as questões levantadas por nós no decorrer da discussão.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa histórica se divide entre o trato/levantamento das fontes e análise desse material em laboratório. O local, onde o historiador examina esse material, executa seus testes, chega a conclusões parciais ou definitivas e traça possíveis perspectivas é o texto. Assim, surge uma nova narrativa, que vai depender necessariamente dos instrumentos utilizados, a teoria e metodologia, e as

<sup>4</sup> Ver: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro. **OSÓRIO, Joaquim Luis**. Acesso em 08 maio 2014. Online. Disponível em: [http://www.cdpb.org.br/dic\\_bio\\_bibliografico\\_osorio.html](http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_osorio.html)

<sup>5</sup> Entrevistas consultadas: “O povo anseia por escolher aqueles que o irão governar” (*Diário Popular*, 11/02/1945, p. 11-12); “O voto e as mulheres” (*Diário Popular*, 18/02/1945, p. 9).

perguntas realizadas pelo pesquisador. Logo, esse conhecimento torna-se verídico/tangível, dentro desse campo pré-estabelecido<sup>6</sup>.

Nosso trabalho possui todos elementos citados acima, além de estar situado num campo teórico específico, no qual desenvolvemos a investigação. Porém, existem algumas lacunas em aberto, como já mencionamos. Isso impossibilita, até o momento, uma reconstituição a contento do espaço de experiência dos entrevistados, mas nos permite tecer algumas considerações parciais.

A discussão inaugurada por essas entrevistas nos permite pensar, a forma como aqueles sujeitos concebiam *tempo histórico*. Podemos dizer que, trata-se de um momento de interação entre o velho e o novo, do ponto de vista das concepções político ideológicas. É um período onde diferentes projetos políticos, e também partidários, disputam por espaço na arena política, uma característica típica da noção de tempo que estamos lidando, no qual o *horizonte de expectativa* é construído pela ação conjunta dos agentes sociais. O que fica desse debate inicial é a possibilidade de na continuidade do trabalho, trazer reflexões mais conclusivas sobre o período, dentro dos limites da proposta apresentada.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

GINZBURG, C. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 143-179.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2012.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2008. p. 111-153.

---

<sup>6</sup> Ideia extraída a partir da leitura do livro: THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um plenário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.